

**H**egel é para aqueles que acham que os livros de Filosofia devem ser fortes e arrebatadores.

Hegel vê o espírito como aquilo que inclui os aspectos da alma humana como vontade, pensamento e sentimento, isto no seu aspecto finito. Pois, no seu aspecto infinito, ele é espírito absoluto, que pode ser pensado como Deus. E se manifesta, em seu processo de auto-reflexão, na Arte, na Filosofia e na Religião, que são, cada uma delas, modos de expressão desse espírito absoluto.

Entretanto o modo meramente conceitual é parcial e não dá conta de explicar esta filosofia até hoje desconcertante, por não ser obra de um entendimento raciocinador e sim uma experiência inexplicavelmente espiritual.

# HEGEL

VALTER JOSÉ

## e o vigor do espírito

### VALTER JOSÉ

é doutor em Filosofia Contemporânea pela FFLCH-USP.

*Curso de Estética – o Sistema das Artes*, de G. W. F. Hegel, São Paulo, Martins Fontes, 1997.

Hegel desafia constantemente a seus competentes comentadores que conseguem realmente dar conta da sua trama de conceitos, para se usar uma expressão muito utilizada nas bancas de defesa. Mas esses mesmos comentadores não evitam a infelicidade de não darem conta da chamada “escritura” hegeliana, que pode ser vista erradamente como o estilo hegeliano.

Errado porque no sistema do genial filósofo alemão o estilo não é o homem, mas é o “passar” do espírito em sua automanifestação, em seu pleno exercício de seu vigor irresistível e infinito. O texto hegeliano é a voz em prosa da auto-exposição do espírito.

Assim o melhor caminho para a experiência integral com o espírito no sentido hegeliano é a leitura do texto, do modo mais direto possível. E o modo mais direto pos-

sível pode ser (para os que não dominam a difícil língua alemã) o recurso de uma boa tradução que tente ser rigorosa e fiel à irresistível força do pensamento hegeliano.

Esta tradução “brasileira” do *Vorlesungen über die Ästhetik (Curso de Estética – o Sistema das Artes)* é uma excelente oportunidade para saborear a excelência hegeliana.

A obra é um conjunto de conferências e preleções feitas por Hegel em seu curso de Estética entre 1820 e 1829, respectivamente em Heidelberg e Berlim. Sendo o resultado das anotações dos seus discípulos, ouvintes e amigos que, depois de reunidas sistematicamente, seriam incluídas por H. G. Hotho no volume X das *Obras (Werke)* do autor.

Apesar de serem anotações a partir da fala do filósofo, a obra tem uma sistematicidade e coerência impressionantes. Tanto que até hoje é referência importante em todas as discussões a respeito de Estética, História e Filosofia da Arte.

Hegel não segue os caminhos habituais dos seus contemporâneos e antecessores, que vislumbram uma Filosofia da Arte, ou Ciência do Belo, a partir do conceito de belo extraído dos objetos belos, como as criações da escultura, da pintura e da arquitetura. Tomadas em suas infinitas diversidades de formas.

O filósofo parte do Belo como idéia, e não pelos objetos belos em suas particularidades. Tal ponto de partida é indemonstrável, e muito coerente com o modo de pensar hegeliano, que não é lá muito amigo das demonstrações abstratas e conceituais. Pois em seu “aparecer” a beleza deve estar livre das regras e dos regulamentos. Já que através da beleza artística estamos frente a frente com a liberdade, que é em si mesma espírito.

Sem dúvida, há uma série de dificuldades que podem intimidar o leitor logo no primeiro contato. Principalmente as dificuldades em se articular, por exemplo, a idéia de Belo com o que se consegue entender pelo conceito de Espírito Absoluto.

Entretanto as dificuldades são quase ultrapassadas, quando se tem contato com as análises particularizadas das obras de

arte, por exemplo, que permitem que a totalidade do texto vá sendo compreendida à medida que ela vai se manifestando. Assim as asperezas vão sendo transformadas em encanto, e a estranheza em prazer.

Ao comentar a pinturas holandesa e alemã, por exemplo, o texto as mostra envolvidas em suas totalidades. Comentando as características comuns às duas no que diz respeito ao estilo, sem esquecer de discutir suas origens sociais e históricas, sem cair em nenhum reducionismo formalista. As análises são reais e rigorosas provando que ser filósofo idealista não significa ser um romântico nefelibata. O âmbito do espírito ilumina o real e o apresenta em sua total nudez.

O tema da morte da arte, outro exemplo, é um dos pontos que liga Hegel às discussões estéticas atuais. Pois marca o momento em que o Espírito Absoluto deixa de se manifestar na Arte, entregando-a sem função ao seu próprio fenômeno. Essa questão é apenas uma amostra do valor inestimável desta obra.

*Curso de Estética – o Sistema das Artes* é uma versão portuguesa de Álvaro Ribeiro e Orlando Vitorino lançada em sete volumes em Portugal, de 1952 a 1964 (pela Guimarães Editora), ao invés dos três volumes da edição alemã, dos quais o terceiro é esta nossa tradução.

Comparando-se com o original é possível perceber alguns leves deslizes de tradução. Mas nada lusitaneamente muito cabalado, não há o que se poderia chamar de hirsutismo de erros.

O trabalho de Álvaro Ribeiro e Orlando Vitorino é um esforço inédito em língua portuguesa. O primeiro era, além de filósofo, um educador que não nutria muitas simpatias por Hegel mas gostava do seu espírito sistemático (sic). O outro, um dramaturgo que se dedicava à Filosofia. Com muitos erros ou não, o esforço dos dois pelo menos permitiu que algumas gerações de brasileiros e portugueses tivessem acesso ao texto hegeliano.

Este volume agora em nossas mãos teve o trabalho ulterior da dupla Maurício Balthazar Leal e Vadim Valentovitch Nikitin, que estabeleceram e revisaram o texto .